



Os textos nos livros didáticos de alfabetização: perspectivas estruturais e transfrásticas após os PCNs

Gustavo da Silveira Amorim¹

UFPE

Rinalda Fernanda de Arruda²

UFPE

Resumo: É do interesse deste trabalho analisar os dois momentos mais recentes em que foram concebidas as tendências de alfabetização no Brasil. No primeiro momento, discutiremos sobre os modelos vivenciados antes dos PCN's e dos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil; e, no segundo momento, sobre as concepções após o surgimento destes documentos. Serão analisados livros didáticos com o intuito de concretizar e facilitar as discussões apresentadas. Desta forma, os manuais de alfabetização serão alvo desta investigação com o propósito de mostrar que o panorama atual tem mudado bastante no transcorrer das discussões em torno das concepções de alfabetização, letramento e gêneros textuais. Assim, discutiremos como estas novas tendências têm contribuído para a transformação do ensino de alfabetização no Brasil, bem como para a mudança do mercado editorial de livro didático da educação infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: livro didático, alfabetização, PCNs.

Abstract: It is in the interest of this work to analyze the two more recent occasions on which they were designed literacy trends in Brazil. At first, we'll discuss the models experienced before and the NCP's Benchmark National Curriculum for Early Childhood Education, and the second time on the concepts after the appearance of these documents. Textbooks will be analyzed in order to implement and facilitate the discussions presented. Thus, the literacy manuals will be the target of this investigation with the purpose of showing that the current situation has changed greatly over the course of the discussions around the conceptions of literacy, literacy and genre. Thus, we discuss how these trends have contributed to the transformation of the teaching of literacy in Brazil, as well as for changes to the textbook publishing market in early year's childhood education and early elementary school.

Keywords: textbook, literacy, PCNs.

1. Introdução

O ensino de Língua Portuguesa no Brasil, nas últimas décadas, tem passado por verdadeiras metamorfoses. Abruptas têm sido as transformações em tão curto período de

¹ gustavoamorim2004@ig.com.br

² rinaldagb@hotmail.com



tempo. O que outrora levou tempo para serem rompidos, os paradigmas emergentes conseguiu fazer sem desfrutar de um aspecto diacrônico propriamente dito. Ora, se entendemos que as informações são bem mais transitadas a partir da parafernália existente, sobretudo dos novos meios de comunicação em massa que têm atingido cada vez mais e mais apressadamente os sujeitos, torna-se fácil entendermos o porquê da tamanha evolução.

Se por um lado, os aspectos estruturais têm apresentado relevantes contribuições para as transformações do ensino de linguagem, por outro lado, as discussões acadêmicas, que têm se tornando muitas e em maior grau de especificidade, também têm dado a sua parcela de colaboração. As universidades e os centros especializados têm buscado, com muita insistência, a “cura” para os problemas do ensino, não apenas de linguagens, mas das demais áreas. Contudo, uma coisa é certa: as discussões e os meios disponíveis estão longe de sanar os problemas existentes no ensino de Língua Portuguesa e alfabetização.

Com o advento da sociolinguística na década de sessenta, as discussões em torno da individualidade do sujeito foram incorporados na agenda dos estudos da linguagem. O que havia ficado de fora do estruturalismo saussuriano, fora incorporado por Labov e seu grupo de pesquisa.

Por conseguinte, outra corrente que se mostrou muito forte sob o ensino de Língua Portuguesa foi a Linguística Textual. A partir de estudos sobre o comportamento dos elementos textuais e dos gêneros de textos, a linguística textual passou mais de uma década aportando nas escolas e levando a cabo as discussões sobre o ensino não mais estrutural de linguagem, mas de um ensino de língua materna que se valha da utilidade social que o sujeito dela deve fazer. A priori, a linguística textual surge na Alemanha, com os estudos sobre as tradições discursivas. No Brasil, pesquisadores como Ingedore Koch trouxe uma contribuição relevante para esta área do ensino.

Os estudos sobre os gêneros textuais nascem a partir da discussão apresentadas na Linguística Textual. A proposta dos gêneros textuais volta-se para um ensino de linguagem onde o sujeito torna-se autor de suas ações, e que por isso faz-se necessário que o mesmo se utilize de práticas e modelos engendrados pelas convenções sociais tornando-se um cidadão co-participante da comunidade na qual está ele inserido. Esta proposta será discutida mais adiante quando tratarmos dos entraves entre os termos/concepções letramento x alfabetização.



Por último, não é mais relevante que os debates se situem apenas no entorno individual do sujeito (sociolinguística), ou nos emaranhados das composições textuais e da utilização dos gêneros (Linguística Textual). Agora, faz-se necessário que o sujeito saiba extrair das mensagens linguísticas a sua verdadeira intenção. O que a mensagem quer dizer, as ironias, o humor, as leituras das entrelinhas e as inferências são termos corriqueiros que já fazem parte do léxico de qualquer educador ou alfabetizador. Situamos aqui a contribuição da Análise do Discurso: última tendência em torno do ensino de linguagem.

Tudo o que discutimos até agora se torna relevante ao tratarmos do ensino de língua materna, sobretudo, de alfabetização, porque é a parti destas discussões e embates que surgiram os novos métodos de alfabetização do Brasil. A já não tão, mais ainda, atual discussão proposta pela teoria do letramento nasce de todo este entorno histórico. O que a Magda Soares propõe nos seus escritos é um ensino em que sejam considerados os aspectos sociolinguísticos e linguísticos que abranja, sobretudo, os fatores textuais e os discursivos do ensino de língua materna. É a partir daí que uma nova proposta também é contemplada nos referencias de ensino de linguagens do nosso sistema. Uma sugestão transfrástica para o ensino de Língua Portuguesa nas escolas.

Concomitantemente, as mudanças que ativeram no embates ideológicos, também atingiram a confecção e a produção do material didático utilizado em nossas salas de aula. Sendo assim, podem-se polarizar dois momentos distintos no ensino de Alfabetização, um em que se concentra o esforço voltado para a estrutura, e o outro em que os aspectos são mais voltados para além da frase: o texto, o discurso.

2. Documentos Oficiais: Os PCN'S e os Referenciais

O surgimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's e do Referencial Curricular Nacional para a Educação Básica foram considerados grandes marcos para o ensino brasileiro, sobretudo no que diz respeito à construção de uma diretriz para este país plural e de dimensões continentais. Indiferente das críticas que há, a análise destes documentos aponta para uma mudança de paradigma, uma ruptura com os “velhos” padrões de alfabetização.



O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil se dedica a propor um norte para o ensino infantil. Nesta perspectiva, nos limitaremos apenas à Alfabetização, pois é dela que trataremos neste trabalho como afirmado anteriormente.

No capítulo intitulado: Linguagem Oral e escrita, os estudiosos concebem a noção de língua como *“um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade”*p. 117. Esta concepção de língua delinea o antes e o depois do ensino de linguagens e da aquisição de língua que outrora tínhamos aqui. No entanto, algumas ressalvas devem ser feitas no que toca aos livros didáticos subsequentes a este período.

A perspectiva backthiniana da dialogicidade é bem notória no documento. Esta evidência aponta claramente para o surgimento das discussões em torno do uso dos gêneros textuais para a alfabetização de crianças e de adultos. No mesmo documento encontramos a seguinte proposição:

A educação infantil, ao promover experiências significativas de aprendizagem da língua, por meio de trabalho com a linguagem oral e escrita, se constitui em um dos espaços de ampliação das capacidades de comunicação e expressão e de acesso ao mundo letrado pelas crianças. *Idem*

O contato com os textos e com a diversidade de gêneros textuais é claramente apontado na seção “Práticas de Leitura”, que direcionam o educador para a utilização dos gêneros textuais como: *contos, poemas, notícias de jornal, informativos, parlendas, trava-línguas, etc*, p. 140. Noutro tópico pede-se para a devida *observação e manuseio de materiais impressos, como livros, revistas, histórias em quadrinhos etc., previamente apresentados ao grupo*, p. 142. Com relação à disposição de acervos, o documento orienta os educadores para a *“disposição em sala de livros e outros materiais, como história em quadrinhos, revistas, enciclopédias, jornais, classificados e organizados com a ajuda das crianças.* p. 144.

No que diz respeito ao processo de escrituração de textos, os documentos também elecam uma série de diretrizes. Pede-se aos professores que ajudem os educandos a *“diferenciar as atividades de contar histórias, por exemplo, da atividade de ditá-las para o professor, percebendo, portanto, que não se diz as mesmas coisas nem da mesma forma quando se fala e quando se escreve.”*p.146. No processo de refacção também se pede para que o aluno *“retorne ao texto escrito pelo professor, a fim de saber o que já está escrito e o que ainda falta escrever”*, assim como *“diferenciar entre o que o texto diz e a intenção que se teve*



antes de escrever, realizando várias versões do texto sobre o qual se trabalha, produzindo alterações que podem afetar tanto o conteúdo como a forma em que foi escrito.”(idem)

Em ambos os processos, leitura e escrita, o documento em xequê não deixa claro a concepção de gêneros e de suportes textuais, por vezes até os confundidos. Também há a falta de clareza ao tratar dos gêneros textuais e dos gêneros literários, pois se sabe que há distanciamentos entre eles e não convém que os tratemos de igual forma. Discussões maiores serão apresentadas na seção de análise dos livros didáticos.

Os PCN's elencam o texto como unidade de ensino. Tal proposta abre um leque para a diversidade textual existente, bem como a prática de reflexão sobre a língua. Sendo assim os métodos de alfabetização são direcionados para este novo paradigma, evidenciando o que fora dito no início deste trabalho ao se discutir a aplicação das novas teorias à sala de aula.

Na primeira parte do documento é colocada a preocupação em estabelecer as unidades transfrásticas para o ensino de língua e para o processo de letramento/alfabetização do sujeito. Compreende-se que saber lidar com as várias modalidades de textos permitirá ao aluno a inserção na sociedade com criticidade e segurança. Pois, são os próprios documentos que direcionam o aprendizado de linguagens não apenas para a junção de sílabas (ou letras) com o intuito de formar palavras, e delas, através de uma hierarquia, se chegar aos textos que serão trabalhados de formas descontextualizadas, como afirma os PCN's:

Essa abordagem aditiva levou a escola a trabalhar com “textos” que só servem para ensinar a ler. “textos” que não existem fora da escola e, como os escritos das cartilhas, em geral, nem sequer podem ser considerados textos, pois não passam de simples agregados de frases. P. 35

Torna-se evidente que a preocupação dos redatores é a construção de uma competência discursiva que abranja o mundo real, preparando o aprendiz para o vir-a-ser. A busca por materiais didáticos de boa qualidade e que acompanhem o direcionamento das instruções apontadas nos parâmetros também é uma preocupação constante, conforme o posicionamento abaixo:

Analisando os textos que costumam ser considerados adequados para os leitores iniciantes, novamente aparece a confusão entre a capacidade de interpretar e produzir discurso e a capacidade de ler sozinho e escrever de próprio punho. Ao aluno são oferecidos textos curtos, de poucas frases, simplificados, às vezes, até o limite da indigência. Essa visão do que seja um texto adequado ao leitor iniciante transbordou os limites da escola e influenciou até na produção editorial: livros com uma ou duas frases por páginas e a preocupação de evitar as chamadas sílabas complexas. A possibilidade



de se divertir, de se comover, de fruir esteticamente num texto desse tipo é, no mínimo, remota. Por trás da boa intenção de promover a aproximação entre crianças e textos há um equívoco de origem: tenta-se aproximar os textos das crianças, no lugar de aproximar as crianças dos textos de qualidade. P. 36.

É evidente que, jamais, leitores competentes serão formados com utilização desses tipos de textos, como especificam os PCN's. Mas, parece-nos que o contato com a diversidade textual ainda é tímida ao observamos a maioria das salas de aula do nosso sistema de ensino, sobretudo na alfabetização.

Se a utilização dos gêneros textuais são uma constante na prática de leitura e formação de leitores competentes, por outro lado, como afirma Fiorin & Saviolli, 2007, a utilização destes gêneros é, no mínimo, assistemática. Pois, o contato com os textos são superficiais e vagos, não oferecendo aos alunos um aprofundamento nas entrelinhas do discurso. Por maioria das vezes, são utilizados apenas como pretexto para a afirmação de estarem acompanhando as tendências teóricas da atualidade.

3. Análise dos Manuais de Alfabetização

Nosso propósito neste momento é de tentar estabelecer um quadro descritivo de alguns livros didáticos que antecederam o surgimento dos PCN's, bem como outros que foram editados após estes referenciais.

Catalogamos onze exemplares de livros que contemplam alguns dos métodos de alfabetização mais comuns no Brasil: o tradicional (silábico), representado pela grande maioria dos manuais e um exemplar com a proposta para o letramento. Um livro (Porta de Papel) onde conseguimos exemplares pré e pós PCN's o que nos permitirá traçar um retrato do que fora discutido nos últimos quinze anos a respeito da alfabetização.

Também foram coletados livros classificados como Integrados. São manuais simples, tradicionais e que geralmente são utilizados por escolas particulares de pequeno porte, marginais. Estes manuais nos mostram que o ensino pautado no tradicional método silábico ainda é muito forte, principalmente nestas unidades de ensino.

Organizaremos a nossa discussão da seguinte forma: i) iniciaremos nossa análise com os livros que surgiram antes dos PCN's, ii) após esta etapa, discutiremos sobre os manuais que vieram depois dos PCN's, iii) nesta fase, incluiremos os manuais que apresentam uma proposta



que não se enquadrasse no perfil tradicional. Por fim faremos trataremos integralmente das discussões para melhor análise.

3.1 Manuais pré-PCN's

Geralmente, estes manuais são respaldados no método silábico e não contém uma tradição de contemplarem os gêneros textuais, nem tampouco a intelecção textual. Sendo assim, percebe-se que os textos são frases curtas, descontextualizadas e mesmo quando há uma proposta para análise e interpretação textual, estas são voltadas para a superficialidade, seguindo um modelo único de interpretação que não permite inferências e leituras de entrelinhas. Percebemos ainda, que não têm uma proposta que contemplem os gêneros textuais.

Quadro 1: Livros didáticos analisados confeccionados antes dos PCN's

Livro	Autores	Editora	Ano de Publicação
Porta de Papel	Angiolona D. Bragança Isabella P. de Melo Carpaneda Regina Iára Moreira Nassur	FTD	1989
Chuvisco	Maria Inez D'avila Gallo Teresa Milani S. Costa	Scipione	1995
Viva a vida	Angiolona D. Bragança Isabella P. de Melo Carpaneda	FTD	1996

A primeira ressalva que faremos é que se deve observar que tanto a Porta de Papel, quanto a Viva a Vida são praticamente das mesmas autoras. E, portanto, seguem o mesmo perfil didático. A cartilha Viva a Vida mesmo tendo sua edição lançada em 1996, fora construída em anos anteriores, por isso a sua classificação neste quadro.

O livro Porta de Papel, editado em 1989, é totalmente silábico. Sua estrutura é de um livro tradicional de alfabetização. O que nos causa certa surpresa, é que mesmo sendo da década anterior às discussões dos PCN's, o Porta de Papel contém uma preocupação tímida com a análise textual. Talvez isto seja possível se levarmos em consideração que os debates sobre o texto no Brasil datam do início da década de 80. Porém, ainda trata-se de textos



cartilhados e que são relacionados a uma proposta empirista/ associacionista de aprendizagem, conforme Morais e Albuquerque (2004).

Com base na descrição dos gêneros textuais mais utilizados em manuais de alfabetização, traçamos um quadro demonstrativo para averiguarmos quantitativamente a presença dos gêneros textuais comuns nestes manuais. Também é do nosso interesse confrontar estes dados com os livros didáticos mais recentes, a fim de encontrarmos as possíveis mudanças em tais manuais. Como exemplos dos gêneros textuais mais frequentes em livros de alfabetização encontramos os seguintes: parlenda, bilhete, instrução de jogo, poesia, conto de fadas, reportagens, receita, verbete de dicionário, embalagens de produtos, trava-línguas, cartaz publicitário, notícia de jornal, documentos oficiais, etc.

Quadro 2: Quantidade de gêneros textuais e atividades de inteligência textual apresentados nos manuais

Gêneros	Porta de Papel 1989	Chuvisco 1995	Viva a vida 1996
Parlenda	-	1	-
Bilhete	-	-	1
Instrução de jogo	-	-	-
Poesia	-	-	-
Conto de fadas	-	-	-
Reportagens	-	-	-
Receita	-	-	1
Lista de compras	-	-	1
Verbetes de dicionário	-	-	-
Embalagens de produtos	-	-	4
Trava-línguas	-	2	-
Cartaz publicitário	-	-	-
Notícia de jornal	-	-	-
Documentos oficiais	-	-	-
Atividades de Inteligência e produção Textual	Porta de Papel	Chuvisco	Viva a vida
Inteligência textual direcionada	16	5	24
Inteligência textual objetiva (superficial)	11	14	7



Intelecção textual subjetiva (inferências)	-	1	3
Produção textual	1	1	1

Como podemos observar, e que já era previsto, os gêneros textuais não faziam parte dos manuais de alfabetização. Não há, neles, uma preocupação com o valor social da leitura e da escrita como práticas de letramento. Nesta perspectiva conforme Soares (1996), o processo de alfabetização se sustentava apenas no decodificar das letras e em atividades de repetição. Era uma forma de condicionamento literal, sem nenhum enfoque para a competência de criticidade que o aluno aprendiz deveria ter. Soares, *idem*, distingue estas duas práticas Letrar x Alfabetizar não como sendo estanques e dissonantes, mas como processo complementares, aliás, esta é a sua proposta de alfabetizar, mas ao mesmo tempo preparando o aluno para o contato real com os diversos gêneros textuais e com habilidades subjetivas de leitura: inferências, implícitos, suposições, previsão, analogia, etc.

Na tabela acima podemos constatar que além da pobreza de gêneros textuais, as atividades de leitura eram tradicionalmente direcionadas ou objetiva superficial. Estas atividades são apresentadas como estudos de textos que geralmente não necessitam de muito esforço para respondê-los. Pode-se apenas “copiar e colar” as perguntas que são reducionistas e imediatistas do ponto de vista da arguição.

3.2 Manuais pós-PCN's

Espera-se que os livros de alfabetização pós PCN's tragam consigo a preocupação em inserir mais os gêneros textuais, proporcionando aos discentes o contato com tais gêneros, assim como um modelo de intelecção textual mais voltado para uma leitura profunda das proposições apresentadas. Destes manuais, elegamos quatro que serão utilizados em nossa segunda observação que tem o propósito de verificarmos como os PCN's causaram, ou não, uma influência nestes livros didáticos.



Quadro 3: Livros didáticos analisados confeccionados após os PCN's

Livro	Autores	Editora	Ano de Publicação
Letra Viva – Programa de Leitura e Escrita	Maria Alice Setubal Beatriz Lomônaco Izabel Brunsizian	Formato	1998
Português Uma proposta para o Letramento-Alfabetização	Gladys Rocha	Moderna	1999
Porta de Papel	Angiolona D. Bragança Isabella P. de Melo Carpaneda Regina Iára Moreira Nassur	FTD	2000
Construindo e Aprendendo - Língua Portuguesa	Maria Eduarda Noronha Maria Luiza Soares	Construir	2007

Algumas considerações iniciais precisam ser elencadas ao tratarmos dos manuais acima descritos, a primeira diz respeito ao fato de apenas dois deles trazerem referência na capa ou contra-capas ao Letramento. O Letra viva e o livro da Gladys Rocha apontam para um direcionamento da nova proposta em xeque: alfabetizar letrando. No entanto, o Letra Viva não dispõe de uma ampla diversidade textual, diferentemente do livro da professora da UFMG Gladys Rocha. Com auxílio da tabela abaixo, apontaremos as atividades que envolvem os gêneros textuais, assim como as atividades de leitura.

Quadro 4: Quantidade de gêneros textuais e atividades de inteligência textual apresentados nos manuais

Gêneros	Letra Viva – Programa de Leitura e Escrita 1998	Português Letramento-Alfabetização 1999	Porta de Papel 2000	Construindo e Aprendendo - Língua Portuguesa 2007
Parlenda	4	1	1	1
Bilhete	1	1	1	2
Convite	1	-	1	1
Instrução de jogo	1	1	-	2
Poema	11	8	3	5
Conto de fadas	1	1	-	2



Propaganda	1	1	-	-
Receita	1	-	-	1
Lista de compras	-	-	-	-
Bula de Remédio	1	-	-	-
Embalagens de produtos	-	2	-	3
Trava-línguas	1	3	-	1
Notícia de jornal/Revista	3	2	-	1
Música	5	1	-	1
Lenda	1	1	-	1
HQ / Tirinha	1	7	-	1
Carta	1	-	-	-
Verbetes de dicionário	1	1	-	-
Atividades de Intelecção e produção Textual	Letra Viva – Programa de Leitura e Escrita 1998	Português Letramento-Alfabetização 1999	Porta de Papel 2000	Construindo e Aprendendo - Língua Portuguesa 2007
Intelecção direcionada	11	3	25	5
Intelecção textual objetiva (superficial)	12	3	1	1
Intelecção textual subjetiva (inferências)	17	21	1	9
Produção Textual	2	5	1	5

Ao observarmos o quadro quatro elencamos algumas observações relevantes para a nossa análise. O livro porta de papel que fora reeditado também em 2000 continua com uma postura tradicional com relação à utilização dos gêneros textuais como forma de letramento. No que tange às atividades de leitura e produção o manual também continuou com a postura que adotara, apresentando atividades superficiais e diretas, bem como textos cartilhados descontextualizados.

O manual Letra Viva de 1998 apresentou uma gama de variados gêneros textuais assim como uma gama de atividades de leitura. Já no que se refere à produção textual, não trouxe uma proposta enriquecedora. Mas, quando analisamos as intelecções subjetivas de



textos, percebemos que há uma tentativa de inovação para atender à proposta de uma alfabetização mais crítica e de formação de leitores mais atentos às entrelinhas do texto.

A proposta da professora Gladys Rocha também apresentou uma proposta bastante inovadora respaldada na teoria dos gêneros textuais. Também, apresentou uma proposta interessante ao aliar a utilização dos gêneros textuais e das estratégias de leitura de textos. Vale salientar que o método utilizado pela autora não é centrado nos modelos fônicos ou silábicos, diferentemente da proposta apresentada no livro *Construindo e Aprendendo – Língua Portuguesa*. Nesse manual, o que nos chama a atenção é que o método utilizado é o silábico. No entanto, o manual apresenta uma quantidade variada de diferentes gêneros textuais. Além do mais, a proposta de inteligência textual contida nesse livro didático não aponta para respostas previsíveis e simplistas. Pede-se para que o aluno não fique apenas na no “copiar e colar”, mas exige-se dele que reflita, infira, suponha.

3.3 Manuais Integrados – Um Caso à Parte

Os livros de alfabetização nominados “Integrados” são manuais que contêm geralmente as quatro disciplinas centrais em um único manual. Os integrados são compactados e resumidos, seus conteúdos são apresentados de forma direta. Eles são vendidos com um preço mais acessível que os demais materiais existentes. É comum que a maioria das editoras possua um exemplar destes produtos com o intuito de atender a este mercado. Não contêm nenhuma indicação do PNLD, sendo visto como uma literatura à parte.

Foram listados quatro destes livros de acordo com os mesmos critérios utilizados anteriormente para os livros analisados aqui.

Quadro 5: Livros Didáticos Integrados

Livro	Autores	Editora	Ano de Publicação
Novo Aquarela do Saber	Celme Farias Medeiros	EB	2009
Viva Vida	Angiolina Bragança Isabella Carpaneda	FTD	2009
Lápis na Mão	Maria da Salete Alves Gondim	FTD	2006



Construindo na Educação Infantil	Elinéia Almeida	Quinteto editorial	2006
----------------------------------	-----------------	--------------------	------

Resolvemos analisar os livros integrados por entendermos que eles são uma constante no ensino de alfabetização do Brasil. As escolas particulares menores recorrem a este material por se tratar de um livro didático bem mais acessível. É nossa intenção observarmos se os mesmos tendem a acompanhar as tendências de ensino dos demais materiais do mercado editorial. Queremos também avaliar os métodos e tendências que neles são empregados, como os gêneros textuais e as atividades de compreensão de textos.

Percebemos no primeiro momento que os textos presentes nestes manuais são, na sua maioria, cartilhados e superficiais, seguindo uma tendência empirista/associacionista de aprendizagem, seguindo os modelos que concebem a escrita como um objeto de aprendizado através da memorização e repetição. Ou seja, uma visão empobrecida do que é o processo de alfabetização, diferentemente do que apregoa as novas concepções de educação e aquisição da linguagem.

Percebemos ainda que estes manuais estão mais próximos das antigas cartilhas que eram utilizadas para como forma de alfabetização em massa.

Quadro 6: Quantidade de gêneros textuais e atividades de intelecção textual apresentados nos manuais Integrados

Gêneros	Novo Aquarela do Saber 2009	Viva Vida 2009	Lápis na Mão 2006	Construindo na Educação Infantil 2006
Parlenda	3	-	1	-
Bilhete	1	1	-	-
Convite	1	-	-	-
Instrução de jogo	-	-	-	-
Poema	8	-	-	-
Conto de fadas	3	-	-	-
Propaganda	-	-	-	-
Receita	-	1	-	-
Lista de compras	-	-	-	-



Bula de Remédio	-	-	-	-
Embalagens de produtos	-	3	-	-
Trava-línguas	1	-	-	-
Notícia de jornal/Revista	1	-	-	-
Música	2	-	-	-
Lenda	-	-	-	-
HQ / Tirinha	1	2	2	1
Carta	-	-	-	-
Verbete de dicionário	-	-	-	-
Atividades de Intelecção e produção Textual	Novo Aquarela do Saber 2009	Viva Vida 2009	Lápis na Mão 2006	Construindo na Educação Infantil 2006
Intelecção direcionada	3	27	12	3
Intelecção textual objetiva (superficial)	5	3	4	18
Intelecção textual subjetiva (inferências)	4	1	2	4
Produção Textual	2	1	3	2

Quando observamos os livros integrados e analisamos a sua preocupação em atender às exigências dos PCN's, percebemos que as diretrizes dos parâmetros não fazem parte deste universo. O único exemplar que atende razoavelmente aos referenciais é o novo aquarela do saber. Os demais deixam muito a desejar. Além de não apresentarem uma proposta inovadora, os demais exemplares são extremamente tradicionais. A concepção de língua adotada por estas "cartilhas" reforçam a idéia de um código absorvido por meio da repetição e aliteração – um verdadeiro exemplo de condicionamento.

As atividades de leitura e produção textual comprovam que a preocupação desses manuais é puramente com a estrutura frasal. Os textos por eles abordados são textos produzidos com a intenção de se apropriar apenas do sistema de escrita. Não direcionam o leitor/produtor para o contato com textos reais e que atendem a demanda social. Nesta perspectiva, vale à pena ressaltar o que aponta Markuschi (2005) quando conceitua e estabelece a validade dos gêneros textuais. Para o referido autor, *os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social*. Desta forma, os



gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. Caracterizando-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Eles geralmente surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. p.39

As tendências atuais apontam para este caminho e os próprios documentos oficiais apontam para o texto como unidade de ensino e não mais as proposições descontextualizadas. Mas o que vimos nos manuais de alfabetização caracteriza-se pela dificuldade de aliar o conceito de alfabetização ao de letramento.

4. Considerações Finais

A análise de livros didáticos da alfabetização constitui um objeto de observação dos processos diacrônicos e sincrônicos das tendências e teorias adotados no construto temporal. Tais observações nos permitem inferir, questionar e levantar hipóteses que ajudarão a corrigir os atropelos cometidos no caminho. Pode-se também ver que muito do que é discutido nas academias, apesar do longo tempo, ainda não perpassou os muros da divagação teórica. Dessa forma acreditamos que as discussões precisam ecoar sobre os umbrais das universidades e chegar aos lugares mais longínquos, fazendo necessário que a transposição didática seja bastante discutida nas academias e demais ambientes, como as formações continuadas de professores. Por isso, acreditamos que a apropriação dessas discussões permitirá aos docentes um envolvimento maior com os questionamentos que são gerados por sua própria prática docente. É desse modo poderemos transformar o processo de ensino/aprendizagem: situar os debates nos lugares corretos, se é na sala de aula o problema, deve-se transpor os debates até lá.

Afora esta primeira impressão, podemos deduzir que muito do que foi discutido pelos documentos oficiais ainda não passou de mero objeto de instrução que não é, ainda, muito utilizado nas escolas. Trata-se de um documento pró-forma, que tem tentado mudar o ensino através de uma prescrição, mas que não condiz com a realidade do professor que está tão distante. Percebemos este problema ao vislumbrarmos que a utilização de textos cartilhados,



simples, imediatistas e puristas ainda estão presentes na maioria dos manuais infantis de alfabetização.

A discussão em torno da perspectiva do letramento é uma destas teorias que perpassou, fragilmente, os tais muros da academia. E quando se faz presente é de forma superficial, um discurso repleto de termos mal situados. A máxima “alfabetizar letrando” ainda é uma realidade distante, pois ao nos depararmos com a realidade escolar vemos o quanto esta ideia está distante do sonho de que a absorveu.

A análise estruturalista da língua, respaldada numa concepção simplista de linguagem, ainda se perpetua nas salas de aulas. Depois de tanta discussão em torno da Guinada Pragmática, o que se percebe nas aulas de alfabetização é, ao menos o que percebemos através dos manuais, uma abordagem apoiada na sentença e nas unidades mínimas de significação.

Os gêneros textuais, em sua maioria, quando são trabalhados, são descontextualizados de outros conteúdos. Trata-se de uma discussão independente de outras áreas. Também percebemos que as análises de textos ficam restritas a modelos prontos de perguntas e respostas, quando já não são orientadas por respostas prontas e opções apontadas. As perguntas sempre são seguidas de modelos engessados apoiados nos pronomes interrogativos, que direcionam o aluno para o óbvio, não permitindo inferências e pressuposições.

Por fim, as atividades de produção de textos são ainda mais escassas, principalmente no que tange aos manuais que adotam o método silábico, pois se espera que aluno só possa construir pequenos textos ao final do manual. Isto devido à hierarquia do ensino que tem a letra como unidade de partida.

No mais, percebemos a análise aqui apresentada carece de mais aprofundamento e instrumentalização científica. Reconhecemos que o nosso trabalho adota um cunho especulativo, mas que não deixa de ser um trabalho descritivo preliminar. Demais dados e explicações poderão, certamente, serem inserido no decorrer da nossa observação, talvez, com mais leituras especializadas e orientação de estudiosos especialistas. Contudo, vale-se o esforço de trazer mais uma, não tão inovadora, proposta de discussão que gere questionamentos em torno daquela que tem sido alvo de tantas especulações: a Alfabetização.

Referências



ABAURRE, Maria Bernadete Marques; FIAD, Raquel Salek Fiad & MAYRINK-SAYBINSON, Maria Laura T. Cenas de Aquisição da Escrita: O sujeito e o trabalho com o texto. Campinas: Mercado das Letras, 2006.

ALBUQUERQUE, Eliana Borges (outros). Livros de Alfabetização: Como as mudanças aparecem. Disponível em: www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT10-3822--Int.pdf Acesso em 11/11/2010 às 18:33h.

ALMEIDA, Elinéia. Construindo na Educação Infantil. São Paulo: Quinteto Editorial, 2006.

CORREA, Djane Antonucci & SALEH, Pascoalina Bailon de Oliveira (Orgs.) Práticas de Letramento no Ensino: Leitura, escrita e discurso. São Paulo: Parábola Editoria, 2007.

BRAGANÇA, Angiolina Domanico; CARPANEDA, Isabella Pessoas de Melo. Viva a Vida: Alfabetização. São Paulo: FTD, 1996.

_____. Viva a Vida: Integrado, 1º Ano. São Paulo: FTD, 2009.

BRAGANÇA, Angiolina Domanico; CARPANEDA, Isabella Pessoas de Melo & NASSUR, Regine lára Moreira. Porta de Papel: Alfabetização. São Paulo: FTD, 2000.

_____. São Paulo: FTD, 1989.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa – Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: Imprensa Nacional, 1997.

_____. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: Conhecimento de Mundo. Secretaria de Educação fundamental. Brasília: Imprensa Nacional, 1998.

FIORIN, José Luiz e Savioli, F. Platão. Para entender o texto. Leitura e Redação. São Paulo: Ática, 2007.

FREIRE, Paulo. A Importância do Ato de Ler. São Paulo: Cortez, 2006.

GALLO, Maria Inez D'Avila & COSTA, Tereza Milani S. Cartilha Chuvisco. São Paulo: Editora Scipione, 1995.

GONDIM, Maria da Salete Alves. Lápis na Mão: Livro Integrado. São Paulo: FTD, 2006.

KATO, Mary Aizaka (Org). A Concepção da Escrita pela Criança. Campinas: Pontes, 2002.

LEMLE, Mirian. Guia Teórico do Alfabetizador. São Paulo: Ática, 1991.

MARCUSCI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definições e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org). Gêneros textuais & ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005

MORAIS, Artur Gomes de. Ortografia: Ensinar e Aprender. São Paulo: Ática, 2000.

MORAIS, Artur Gomes de & ALBUQUERQUE, Eliana Borges. Novos Livros de Alfabetização: Novas dificuldades em inovar o ensino de escrita alfabética. In: 14º InPLA – Intercâmbio de Pesquisas em Linguística aplicada. São Paulo, 2004.

MEDEIROS, Celme Farias. Novo Aquarela do Saber: Integrado – 1º Ano. São Paulo: Editora do Brasil, 2009.



NORONHA, Maria Eduarda & SOARES, Maria Luiza. Construindo e Aprendendo. Recife: Ed. Construir, 2007.

ROCHA, Gladys. Português: Uma proposta para o Letramento. São Paulo: Moderna, 1999.

SEBER, Maria da Glória. A Escrita Infantil: O caminho da construção. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

SETUBAL, Maria Alice; LOCOMÔNACO, Beatriz & BRUNSIZIAN, Izabel. Letra Viva. São Paulo: Formato, 2008.

SOARES, Magda. Letramento: Um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

TEBEROSKY, Ana & TOLCHINSKY, Liliana (Orgs). Além da Alfabetização: A aprendizagem fonológica, ortográfica, textual e matemática. São Paulo: Ática, 2000.